

Publicação hebdomadaria.

CRITICA, LITTERATURA

ARTE E

SPORT

COLLABORADORES DIVERSOS

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Semestre . . . . .	5\$000
Trimestre . . . . .	2\$500
Numero avulso . . . . .	\$200

ESCRITORIO E REDACÇÃO

RUA ALTINO CORREIA N. 37

ANNO I

Florianopolis, 29 de Abril de 1900

N. 5

## FOLK-LÓRE

(AO DR. LEOPOLDO DE FREITAS)

A nossa poesia popular e o melhor das nossas lendas e tradições ainda estão por colligir—a despeito da critica indigena para a qual só as cousas do Norte e as do Sul, são dignas de estudos e devem solicitar os escriptos nacionaes.

Estas cousas elles já encontraram (Sylvio Romero e outros) a beira da praia, desde o Amazonas ao Prata, consoante a phrase consagrada.

Para esses o *folk-lóre* do Brasil inteiro não passa do que Celso de Magalhães, Alencar, Sylvio Romero, Mello Moraes Filho, Araripe Junior e Carlos von Koseritz—colligiram e publicaram algures.

No entanto, é na *gemma do paiz*—no Brazil Central—Minas, oeste de S. Paulo, Goyaz, Matto Grosso e altos sertões da Bahia, do Piauhy, do Maranhão e do Pará—que demoram intactas na sua pureza primitiva as tradições, os costumes, as lendas e as superstições das raças invasoras, de mistura com as dos autochthones do *Indorama*.

Goyaz e Minas por excellencia, foram a arena fragosa dos *peoner's* do grande cyclo dos bandeirantes paulistas—os *descobridores* do nosso *Far-West*, ainda por estes dias tão mal estudado, tão mal comprehendido nas chronicas, nos romances de costumes, como igualmente nas telas dos artistas estrangeiros e nacionaes.

Quanto a mim—confesso—nunca voltei sem tedio a ultima pagina do romance que Mendes Leal consagrou aquelle assumpto historico, nunca sympathisei-me com os aventureiros de Alencar (GUARANY e MINAS DE PRATA) entrajacés a europea, nem impressionaram-me ainda até aqui, Deus guarde, os recentes trabalhos dos ensaistas contemporaneos; e muito menos demorei-me diante *A descoberta das Caldas de Pirapitinga*, do Barão de Taunay, dos *Bandeirantes*, de Henrique Bernadelli, d'*A partida da monção*, de Almeida Junior, tão applaudidos por ahi...

N'este ensaio em que pretendo fornecer em primeira mão materiaes colhidos *in loco* para o estudo da população do interior, deixo de preambular na exposição de methodos de analyses e rontos de vista geraes que estulto seria esse arroubo de erudição facil, depois dos trabalhos de Theophilo Braga e J. de Vasconcellos, e isto só para citar os em portuguez...

Foi nas Minas—onde se acharam o ouro, os diamantes, as esmeraldas, que a sempre viva imaginação popular entreteve-se na cobiça do nesso *El Dorado*, que ficava sempre rumo de oeste, para além das azuladas montanhas grimpantes—que os negres da Costa da Africa, os fugitivos e degredados da Metropole e os ciganos forasteiros talaram a rudes golpes de picaretas, ás *gulpiúras*, cantando, mourejando—emquanto as bandeiras se interioravam pelas deveas invias do alto Sertão, planalto ariba.

E é no rotear da terra *mater*, diz Freytag, «que se deve ouvir os cantares do povo, estudar as suas superstições». Que de interesse não desperta os primeiros dias da existencia ali dessas populações adventicias, dessas caravanas errantes que o Simoun da desgraça colheu sob as piassarras das jasidas do ouro, antes que se lhes deparasse o vello cubicado?

Lá, immersos n'uma grande nostalgia, todos se deixaram ficar—uns cantando a saudade da patria longiqua, outros gemendo a agonia do captiveiro,—ao tempo em que a tapuyrama expulsa do seu *habitat*—a «camapuania», a «Cayapoania» ia de arribada adormecer além, ao pé das *Sapopemas*, á margem do grande rio—onde a filha da Cobra Grande separa a noite do dia, fazendo cantar o cahuby nas horas crepusculares. \*

(Do Folk-Lóre do—Brazil Central.)

HENRIQUE SILVA



## AS ETAPAS DE HERANÇA

I

Olá!... Hontem, aonde te metteste? Não te vimos todo o dia...

—Não lhes conto nada! Fui á Lagoa. Por isso é que não appareci. Mas, imaginem vocês, imaginem bem o que é esta minha vida! Aqui para nós: meu pai obrigou-me a ir á Lagoa para ser benzido!! Vejam lá, vejam lá a quanto chega a minha desgraça—a ser benzido por um curandeiro!!

Meu pai, coitado, vocês sabem... vê se no desespero da fome. Isto em reserva, havia tres dias que só se comia couve cosida, dos restos de mudas que minha mãe, doente como anda, rebusca pelo quintal. Vejam só isto!...

Ante-hontem foi uma tempestade medonha, quando eu lhe disse que não acreditava em feitiço. Agastou-se;

—Pois então o que é? Todos dizem que sabes tanto, tens tantos amigos, e porque essa gente não te dá um emprego que nos mate a fome, que nos tire desta miseria?! Tu que lês tanto não vês logo que é «cousa feita»? Está resolvido, João, has de ser benzido, eu o exijo e ordeno.

—Mas então estes livros mentem, por ventura estes homens mentem, meu pai?!

Oh! mas era a suprema ironia do seu destino cruel! Duvidar de Spencer, duvidar de Darwin, duvidar de toda a Philosophia, para acreditar num embusteiro imbecil, «preto como nós, meu pai, mas que não tem, eu o sei, a brancura de sua alma ingenua, sincera e boa!» Oh! isto é um horror!!

Bem via a miseria que ia por casa, a tenebrosa epopéa deste cortejo da Fome; bem sentia que os braços de seu querido pai, vencidos pela idade e pelo trabalho, não podiam mais com a trolha e com a colher pelos altos andaimes; que sua mãe por ali andava, cadaverica e fula, tussindo sempre, que mal podia comsigo, quanto mais com a fonte e o ferro; bem viatudo, mas o que podia fazer senão calcar bem fundo todas estas amarguras, que tanto lhe affligiam o seu coração de filho?!

Os seus amigos! Tinha-os, era verdade, poucos e bons, mas esses, coitados, tambem só possuiam o talento, e por isso mesmo eram os preteridos de sempre, os calumniados com inveja e rancor. E sabia porque? porque este povo, modorrento e pesado, preferia fechar os olhos á luz, e mergulhar nas crenças mais absurdas de benzeduras incongruentes, de bruxas e lobis-homens.

Isto tambem era de mais! Já tinha sentado na irmandade de N. S. do Rosario a pedido de sua mãe; mas... ter de b nzer-se!... «Eu... eu sujeitar-me a benzeduras contra feitiço»!! Era a maior das provações! O pai que lhe poupasse essa amargura...

Não houve meios, teve de obedecer. Apenas conseguiu que sahissem de noite e que voltassem na noite seguinte. Foi descalço para não gastar as botinas.

Duas legoas, ensanguentou os pés todos. «Mas vejam, vejam bem, se ha quem tenha tragado tanto fel! Era em casa, era por toda a parte!»

E lá foi elle, genial e vencido, noite em fóra, na via dolorosa da Lagoa, botinas ás costas, topada aqui, escorregão acolá, ensanguentado os pés todos, para ser benzido contra feitiço!!

SANTOS LOSTADA

—><—

## DULCE

*Despe-se Dulce, e entra no banho.  
Lembra o pallor sensual da Lua  
Quando, completamente nua,  
Guarda o lucífero rebanho.*

*Põe os pés na agua; a agua recúa  
Num estremecimento extranho...  
Pois nunca flor de igual tamanho  
E olor feriu a toalha sua.*

*Sentindo-a fria, em sustos lança  
Gritos pueris... Mas, com brandura,  
A agua serena; e a flor—avança,*

*E avança... até que a lymphá pura,  
Em mysteriosa intemperança,  
Abraça e beija-lhe a cintura.*

EDMUNDO BARROS

—><—

## ROSA FATAL

Plantára uma roseira, por distracção, percorrendo o jardim, na vespera do casamento, em palestra com o esbelto noivo.

Todas as manhãs, quando em passeio, aspiravão o perfume das flores, como para mais amenisar o amor sincero que os unia, cuidavam da roseira com desvello e esta ia, cautelosa e solícita, viciando sensivelmente.

O amor de tão ditoso casal foi e roado, emfim, com o nascimento de uma filhinha.

E quando desabrocharam as primeiras pétalas na roseira, uma flor esplendida, a filhinha querida, que então houvera adoecido, amanhecera morta.

Ella ornamentou o peito da desventurada filhinha, com essa mesma rosa e, assim, tornou-se difficil distinguir, qual a mais bella: a criança morta, que era uma linda creatura, si a rosa viciosa primeira da roseira bem cuidada. E ella decidia, entre soluços justos, que a mais bella era a sua idolatrada e desventurada filhinha, porque, toda candura, não tinha a maldade da rosa, quando desabrochava: de lh'a ter sido tão fatal...

JESUINO CAMARGO



## Questões sociais

### O MATRIMONIO

III

A mulher, para esses figurões, que vivem explorando a bolsa da humanidade, é uma deidade, que apresenta na face a pallidez dos anjos e nos olhos o scintillar de estrellas, somente enquanto o ouro lhe corre brilhante pelas mãos, deixando um traço negro, prova evidente de suas depredações e desvarios.

—Na terceira condição, ainda vemos a sua manifestação patente na theoria da composição de forças.

Assim, se considerarmos dois genios oppostos e com a mesma intensidade, applicados a um mesmo ponto material (que chamaremos a razão) é claro que haverá completo equilibrio de forças.

Ora, si as forças se equilibram, o movimento deixa, immediatamente de existir, não havendo por consequencia actividade:—base directa do progresso.

E' necessario, portanto, que os dois genios ou forças, tenham invariavelmente o mesmo ponto de applicação e que a intensidade de uma exceda outra, de uma pequena quantidade, que será a resultante do systema, capaz de pol-o em actividade e dar como resultado a harmonia, a paz e a felicidade no lar domestico.

Dadas as condições essenciaes para a completa harmonia e bem-estar de um casal, vamos rapidamente analysar o seu conjuncto.

As tres condições citadas, podem residir n'um mesmo casal, transformando o lar em um Eden, onde todas as delicias são encontradas e suavizadas pelo dôce carinho dos conjuges.

Podemos affirmar, sem receio de errar, a imperfectibilidade existente no matrimonio, si houver eliminação de uma das condições figuradas, e a separação irremediavel dos conjuges, si houver ausencia completa de todas ellas.

Ao nosso ver, a segunda condição é a mais importante de todas e de um valor inestimavel, pois, ella representa um ponto luminoso, em torno do qual gira a familia, a sociedade e a humanidade.

O que seria da familia e da sociedade si o casamento não fosse um elo, onde fulguram em lettras de ouro as tres palavras—ordem, progresso e amor?

Seria a anarchia e o retrogradamento para os tempos primitivos. O verdadeiro amor, reside na familia, que é o centro de todo o sentimento e a fonte preciosa, onde o homem se educa e fórma o seu character.

A influencia da familia no destino dos homens, é característica e prepara o homem para a luta da vida, tornando-o uma forte e poderosa alavanca da ordem e do progresso.

E. TEIXEIRA

## PELA ARTE

A' Adolpho Mello

*Ia o concerto em meio. Já das frantás  
O doce murmurar, por bem captivos,  
Trouxera corações rudes, esquivos,  
Nas teias de harmonia langués, cautás.*

*Do bandolim os tremulos missivos,  
Arrancados da luz de extranhas pautas,  
O norte transformára a muitos nautas  
Nos mares apollíneos, primitivos.*

*Quando as violettas mergas, docemente,  
Os rhythmos descambam ritardando,  
E o violino introduz-se mansamente.*

*E implora e treme e ri ou vai chorando,  
Ora febril estia, ora é plangente  
Té morrer caricioso no smorzando!...*

GONÇALVES FERRO

## SPORT

### NA MATTA

Ao amigo Henrique Silva

No rancho do caçador, no mais denso da floresta, à noite, ao avermelhado clarão da grande fogueira, onde ardem os restos de algum d'esses collossos vegetaes, attentiosamente escuto as singelas historias dos nossos matutos.

Para aquelles que são verdadeiros discipulos de S. Huberto, que cousa ha de mais bello que uma noite dormida sob o arvoredo secular, coberto de odorantes parasitas, ouvindo essas mil vozes mysteriosas das nossas mattas virgens?

Ali o homem está cercado de mil perigos e os despreza. O verdadeiro caçador gosta de experimentar as sensações que um perigo occulto produz, e ninguem mais as affronta do que o brasileiro do vasto sertão.

Mal armados, esses valentes atacam no seu antro o terrivel jaguar, luctando a braço com o rei das nossas mattas e vencendo-o.

Muitas vezes, depois de uma d'essas luctas titanicas, em que a coragem e a intelligencia vencem a força bruta, é que o sertanejo no rancho narra, com a sua linguagem chã, os acontecimentos da caçada anterior.

Ao ouvir-o fallar com a maior calma do mundo, ninguem acreditará que aquelle homem momentos antes arriscava a vida n'uma lucta medonha.

Esses sim, que bem merecem o nome de caçadores.

Caçadores! Não merecem este titulo os *passarinheiros* que caçam as pobres sabiás e juritys nas hortas e pomares.

VIEIRA DA ROSA



## Silhuetas

Mlle. M. C.

Pallida, bem pallida até, mas... não loira, como o ideal de Feijó.

Ao contrario, lembra uma d'essas romanticas filhas de Castella, da Castella antiga, dos fidalgos e dos cavalleiros.

Na noite profunda de suas pupillas resplandeceria a calma dos céus estrellados, si não fosse um ou outro relampago mal contido, denunciando o temperamento ardente e nevrotico da filha dos tropicos. Como a pimelea da Australia, a sua face apresenta as cores do lyrio e da rosa, sendo a ultima mais visivel nas commoções em que falla em linguagem muda a *cordis vox*.

A sua cabeça, incrustado o olhar expressivo e silencioso, daria um excellente quadro a enriquecer ainda mais a maravilhosa collecção de Rubens. Talhe esbelto de odalisca impressionavel, não aos feustos das côrtes orientaes, mas á leitura facil e seductora dos languidos bardos mouriscos.

Engrinaldando-lhe o pallido rosto, á Desdemoná, o ebano-brilhante dos cabellos em crespos, serpeando pelas fontes. De uma simplicidade adoravelmente artistica as suas *toilettes* deixam-lhe sobresahir a plastica fidalga. Do meu belveder de artista contemplo-a, como se fôra a materialisação de uma d'essas antigas condessas das Hespanhas, e, ao ver-lhe o passo cadenciado e lento, sinto a falta da força impressionativa, magnetica, suggestiva, com que a fizesse tornar mais andaluz.

O seo conjuncto phys-ionomico parece revelar o culto em que deve ter as phantasias vibrantes de Montepin, Escrich, Macedo e Ohnet. De uma natural elegancia, excentrica, de um romantismo instinctivo, seria certamente *une charmeuse*, si quizesse tornar-se mais amiga das walsas e menos dos sonhos.

Que o digam a pallidez de monja ciliciada, estampada em seu semblante, e o coruscar furtivo, porém insistente, de seus grandes olhos negros, negros como a serpente de seus cabellos.

Pallida, bem pallida até, mas... não loira, como o ideal de Feijó.

CELIO

sem

## TRACOS A LAPIS

## II

Cartaz de inverno. Mas isto em dias de magnifico sol, que aquelle traste de popularidade, com aquella carinha rosada, anda a vender saude... e mais alguma cousa.

Peguem-no á rua; vistam-lhe uma casaca de gala, assim meia surrada, uma calça de xadrez, ponham-lhe no cantimplório uma cartilha velha amarrotada, dêem-lhe um lenço vermelho de tabaquista,—e... seria um magnifico actor de scenas comicas.

E' o mais popular dos homens cá da terra e talvez o mais querido. Distribue a alegria por toda a parte; nunca se lhe vio impressionado, sombatico, detestavel; ao contrario em se lhe vendo, a roda toda cãe a rir das suas excellentes pilherias, do seu bom humor sempre em festas. E' louco por festas, como o macaco por bananas. No violão é forte, e na trompa é... inimitavel.

Presidente inamovivel das manifestações aos amigos, formula anniversarios a seu bel-prazer; e sem o seu pennacho de chefe a pie tagem faria fiasco.

E' um magnifico!

Não gosta da luz do sol; faz-lhe mal á vista bulicosa; mas, á noite... é capaz de ver sem oculos.

Tem uma mania singular, e neste ponto é fervoroso adepto das theorias humanitarias de Buckle:—tendo noticia de que nasce uma criança, ou morre um individuo, ou vae a se effectuar um casamento—zã! toma nota.

E' um homem essencialmente estatistico...

E não se pense que com este serviço elle tire algum resultado...

Tem outra mania:—passa certidões, procurações etc etc, tudo por amor á humanidade.

E' um homem notavel, digo mais, diante de um cidadão tão procurado, somente este substantivo estupefaciente:—E' um n. tagio!

As mulatas velhas do seu tempo de menino, quando passam por junto d'elle:—Abença, seu branco!

—Oh! negrada!...

FABER

## NOTAS

Incommodos de saude, prendendo Léo-lino ao leite, privam *A Pagina* das suas adoraveis *Notas*.

Consultado sobre tão grave acontecimento, do qual só tivémos conhecimento á ultima hora, o *comité* central, cá da casa, não poudé indicar quem emittisse as *Notas* com a mesma cotação de espirito que as do nosso insubstituivel Rotschild.